



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

HOMENAGEM A DIANA LUZ PESSOA DE BARROS POR ESMERALDA NEGRÃO

Começo citando Norberto Bobbio (1997) em “O tempo da memória”:

“O mundo dos velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos abandonarem e enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas.” (p. 30)

Este evento de homenagem a cinco professores do Departamento de Linguística tem como uma de suas características, o tempo da memória. São hoje homenageados cinco professores cujas trajetórias pessoais e acadêmicas integram a tessitura que dá forma à história deste Departamento.

Coube a mim trazer à tona e viver novamente uma dessas trajetórias, a da Profa. Diana Luz Pessoa de Barros. Esse lembrar será aqui um depoimento, pois tive a feliz oportunidade de vivenciar e testemunhar momentos importantes dessa trajetória. Como narradora participante, serei mais do que isso: uma narradora intrometida.

Em 1972, a professora Diana ingressa, como aluna, no curso de pós-graduação em Linguística da USP e é convidada a dar aulas, como professora voluntária, no recém-criado bacharelado em Linguística. Já nesse momento revela-se a firmeza de convicções de Diana, que não aceitou o convite por não concordar com a prática vigente na época de trabalho gratuito em instituição pública de ensino superior. Seu engajamento e atuação junto à Associação de docentes da USP contribuíram para a mudança futura na carreira, e o término das relações de trabalho precário de docentes na USP.

Diana inicia sua carreira como docente da USP em outubro de 1973, quando foi contratada como professora junto ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Como aluna do curso de Letras, com Linguística como uma de minhas habilitações, fui aluna da profa. Diana em 1974 na disciplina Semântica. Começou aí minha admiração por Diana, aquela jovem professora, que trazia para a disciplina a experiência adquirida no mestrado defendido na Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle e que entusiasmava com o seu entusiasmo a todos os seus alunos.

Convicções sobre ética acadêmica, engajamento institucional e entusiasmo pelo conhecimento são traços definidores de Diana que pautaram e pautam sua trajetória.

Em 1976 defende seu Doutorado e parte para um pós-doutorado novamente em Paris, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, junto ao Grupo de Investigações Sêmio- Linguísticas sob a direção de A.J. Greimas. Em 1977 retorna à USP e em 1978 oferece disciplina de pós-graduação para credenciar-se como orientadora em 1979. Como aluna que busca entusiasmo e conhecimento, fui aluna ouvinte dessa primeira disciplina oferecida por Diana. Pasmem, foi a Diana que me introduziu no estudo da gramática de casos de Fillmore, teoria voltada para o entendimento das relações entre sintaxe e semântica, tópico a cujo estudo me dedico até hoje.

A volta repleta de planos em 1977 logo se revelou difícil. Sem poder ingressar no regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, a capacidade impressionante de trabalho (outro traço do perfil que tento compor nesta fala) dispersa-se entre as atividades dentro da USP e fora dela. Mas mesmo assim dividida, Diana não deixa de realizar o trabalho universitário público dentro da filosofia dos parâmetros que o caracterizam como ser voltado para o ensino, a pesquisa e a extensão: aulas na graduação, aulas na pós-graduação, orientação de alunos de pós-graduação, coordenação de grupos de pesquisa, participação em congressos e seminários, desenvolvimento de projetos de pesquisa, publicações, conferências, cursos de extensão, bancas, participação

em colegiados e associação docente, direção de associações científicas. A dedicação integral só veio em 1983, dez anos após sua atuação como professora.

Em 1985, a defesa da livre-docência e uma tomada de decisão sofrida: a saída do Departamento de Linguística. Momentos difíceis, novos desafios. Na área de linguística românica do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, o espírito agregador e o interesse pelo novo propiciaram a Diana o desfrutar de um convívio harmonioso, o enfrentamento de uma nova área, apesar do distanciamento sofrido do cotidiano da linguística, especialmente o trabalho com os alunos.

Na Linguística, por outro lado, a mudança tornou-se possível: primeiro processo seletivo para contratação de novos professores no DL, concurso de ingresso na carreira para quase todos os docentes do Departamento, mudança na chefia do Departamento, mudança na coordenação da pós-graduação, enfim, o início de uma nova etapa: “a manhã tecida pelos gritos de galos, planando livre de armação” se me permitem plagiar João Cabral. Começava a construção de um novo projeto acadêmico para o Departamento de Linguística da USP.

Se, como diz Bobio, somos o que lembramos, creio ser esse o momento em que emergiu o Departamento de Linguística que temos hoje, o que nos definiu a todos aqui nesta cerimônia, homenageados e organizadores entre outros. Foi o que criou nossa identidade. Juntos, professores que lideraram a mudança no departamento, professores recém-ingressados no Departamento por concurso público e professores que haviam deixado o Departamento e que foram convidados a reintegrar o Departamento, construímos um projeto acadêmico que modificou a face da Linguística da USP. Reuniões para planejamento do casamento e discussão do dote foram longas mas excitantes. A lembrança desse período é das mais gratificantes da minha vida acadêmica. Eu, e certamente Ana Muller, Tatit, Margarida, entre outros, aprendemos muito sobre vida acadêmica, perfil das instituições universitárias, mas sobretudo sobre generosidade, com Diana, Fiorin, Beth, entre outros.

Assim fala Diana sobre esse período em seu memorial para concurso de titular realizado em 1997: “Por seis meses, discutimos, pensamos e repensamos, pesamos as questões envolvidas e, finalmente, decidimos que apesar das dificuldades ainda não superadas, tínhamos obrigação de aceitar a tarefa de contribuir para o desenvolvimento dos estudos linguísticos em nossa instituição, no espaço que ela reserva à Linguística, e para a recomposição da imagem e do papel que cabem à Linguística na Universidade de São Paulo.”

Esse foi um momento de abertura do Departamento por dentro e para fora. E Diana participou da idealização e da concretização desse projeto ativa e incansavelmente. Sendo um Departamento basicamente integrado por professores da área de semiótica e teorias do discurso, o Departamento abriu-se para integrar novas áreas do

conhecimento da linguística: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, sociolinguística, psicolinguística e aquisição da linguagem, linguística africana, linguística indígena e linguística das línguas de sinais, linguística histórica. À abertura no leque de áreas correspondeu o ingresso de especialistas nessas diversas áreas. Reforma na graduação, reforma na pós-graduação, novas linhas de pesquisa. Uma revolução, como costume dizer. Revolução também nas práticas acadêmicas.

Engajada na busca de recomposição da imagem e do papel do Departamento dentro e fora da USP, Diana foi três vezes chefe de Departamento de dezembro de 1992 a 1994, de 1997 a 1999 e de 2001 a 2002. Como chefe, teve papel decisivo na defesa das áreas das Humanidades dentro da USP, em momentos de crise em que faltaram o respeito pela pesquisa que produzimos e pelas características que nos são peculiares.

Foi Presidente da ABRALIN de 1991 a 1993, momento em que o departamento de linguística da USP e sua produção acadêmica começaram a ser conhecidos por todos os pesquisadores brasileiros.

Foi também secretária da ALFAL de 2008 a 2014 e membro do comitê assessor do CNPq em 2007-2008. Toda essa atividade institucional em nada prejudicou sua carreira de professora, orientadora e pesquisadora. Professora querida e respeitada, formou, com seus cursos, um número imenso de alunos na graduação e na pós-graduação, orientou 23 mestrados, 29 doutorados, dois deles premiados, além de ter supervisionado 5 programas de pós-doutorado. Sua atuação enquanto pesquisadora na área de Semiótica, trouxe reconhecimento e prestígio para nossa instituição. Deixarei para o Professor Arnaldo apresentar o impacto da pesquisa realizada por Diana, e das publicações científicas por ela produzidas, no desenvolvimento da própria teoria semiótica. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1 A, seu prestígio na área se estende do Brasil, para a América Latina e para a Europa. Integrou projetos coletivos no Brasil e no exterior, tanto como pesquisadora como coordenadora.

Nesses anos todos de convivência como aluna, orientanda de mestrado, parceira, colega e, sobretudo, amiga, ter comigo armazenadas as lembranças desse longo e prazeroso caminho fazem parte do que sou.

Convicta, entusiasmada, lúcida, engajada, incansável, trabalhadora, generosa, arguta intelectual, pesquisadora renomada e principalmente amiga, este é o perfil de nossa homenageada. ❖